5

Metodologia

As construções não são mais ou menos “verdadeiras”, em qualquer sentido absoluto, mas simplesmente mais ou menos informadas e/ou sofisticadas. As construções são modificáveis, assim como suas “realidades” associadas. [...] O investigador e o objeto de investigação estão presumidamente ligados interativamente para que os “achados” sejam literalmente criados enquanto procedimentos da investigação.¹

(Guba & Lincoln, 1994, p. 111)

O presente capítulo desta dissertação lida com os aspectos metodológicos do estudo realizado. Assim, discorreremos sobre o ambiente pedagógico a ser estudado e os participantes desta pesquisa – os alunos. Adicionalmente, serão explicados os procedimentos em relação à geração de dados, tais como a elaboração e aplicação das ferramentas que a viabilizaram, bem como a maneira como precedemos à análise desses.

¹ Livre tradução para o português do fragmento “Constructions are not more or less ‘true’, in any absolute sense, but simply more or less informed and/or sophisticated. Constructions are alterable, as are their associated ‘realities’. [...] The investigator and the object of investigation are assumed to be interactively linked so that ‘findings’ are literally created as the investigation proceeds.” (Guba-Lincoln, 1994)

5.1.

O ambiente e os participantes da pesquisa

Desde o meu ingresso como professora concursada na rede pública estadual de ensino, chamou-me a atenção a dificuldade que meus alunos tinham em lidar com a língua portuguesa no contexto escolar, sobretudo na modalidade escrita. Ao ter a chance de trabalhar com uma turma de primeiro ano e uma do terceiro, no mesmo ano letivo, vislumbrei a possibilidade de pesquisar a escrita dos alunos em dois momentos diferentes neste segmento de ensino: o do ingresso e o da conclusão, ao mesmo tempo em que poderia voltar um olhar mais crítico para as minhas próprias práticas pedagógicas no referido ambiente. Opto por empregar o termo “práticas pedagógicas” no plural por acreditar na multiplicidade de práticas e atitudes que adotamos a cada dia, ou melhor ainda, a cada instante, em um contexto por vezes tão desafiador.

Assim sendo, elegi a minha sala de aula neste ambiente, onde leciono língua portuguesa, por três razões principais.

A primeira razão está intimamente relacionada ao que acabamos de expor. De um lado, o interesse em pesquisar a escrita dos alunos da rede pública estadual por ter sido o primeiro contexto no qual observamos a situação sobre a qual nos debruçamos – os obstáculos encontrados pelos alunos ao percorrerem os caminhos que os levariam a fazer uso eficiente da modalidade escrita da língua portuguesa – e, do outro, o interesse pela minha própria atividade docente.

O segundo motivo foi de ordem mais prática. Colher os dados nas minhas turmas evitou que esbarrássemos em questões burocráticas e na resistência de alguns colegas em abrir espaço para a pesquisa em suas salas de aula.

Finalmente, uma questão de natureza ética foi fundamental para a escolha da minha sala de aula como ambiente de pesquisa. É impossível pesquisar a sala de aula – o que acontece nela e como consequência dela – sem se voltar para o professor, suas práticas docentes e suas crenças pedagógicas. Nesse contexto, nos sentiríamos mais à vontade para questionar nossas próprias práticas e crenças.

Expliquei aos alunos que estava trabalhando em uma pesquisa como parte do meu Mestrado, com base na escrita dos alunos no ensino médio e que eventualmente precisaria da sua participação no sentido de que produzissem

textos escritos na sala de aula para que estes pudessem vir a integrar o escopo da referida pesquisa. Expus a necessidade de que os alunos também tivessem interesse em participar da pesquisa e que estivessem motivados para colaborar. Ficou esclarecido ainda que os dados serviriam apenas como objeto de estudo, sem outros fins de divulgação. Felizmente, todos os alunos das duas turmas aceitaram cooperar e assinaram um documento onde declaravam este compromisso. O modelo deste documento encontra-se anexo, no entanto sem as assinaturas dos alunos, já que a preservação de suas identidades é um dos termos do mesmo. Do mesmo modo, a direção da escola, na figura de duas diretoras-adjuntas, assinou um documento declarando não se opor à geração de dados e à inclusão dos mesmos no escopo da referida pesquisa. O modelo deste documento também se encontra anexo.

Assim, fizeram parte desta pesquisa como participantes ativos sessenta e dois alunos do ensino médio do Colégio Estadual Madre Teresa de Calcutá, divididos em duas turmas: quarenta e cinco alunos do primeiro ano (turma 1007) e dezessete alunos do terceiro ano (turma 3011).

O Colégio Estadual Madre Teresa de Calcutá possui anualmente um corpo discente superior a mil alunos, divididos em turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio, distribuídas em três turnos: matinal, vespertino e noturno. Nos cursos matinal e vespertino há uma predominância de alunos com faixa etária entre 15 e 17 anos. O curso noturno é mais heterogêneo no tocante a esse aspecto, havendo alunos de 15 a 60 anos. As turmas de primeiro ano têm uma média de 60 alunos matriculados. No segundo ano observa-se uma queda considerável neste contingente, até que no terceiro ano as turmas tenham uma média de 20 alunos.

O sistema adotado é presencial e não-integral, ou seja, os alunos estudam ou de manhã, ou à tarde ou à noite, de segunda à sexta. O calendário da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro prevê ainda quatro sábados letivos.

As aulas de língua portuguesa onde os dados desta pesquisa foram gerados tinham lugar às terças e quintas-feiras, no turno da tarde, isto é, em um tempo de aula² compreendido entre 12h40min e 18h00. Até 2008, ano em que os dados foram gerados os alunos contavam, ao todo, com uma carga horária de seis

² O turno da tarde divide-se em seis tempos de 50 minutos cada.

tempos de Língua Portuguesa semanais, que eram divididos entre Gramática, Literatura e Produção Textual, em consonância com o livro didático adotado³ no referido ano.

Para matricular-se nesta instituição não é preciso passar por nenhum tipo de seleção; o candidato ou seu responsável apenas deve realizar uma inscrição *online* ou dirigir-se aos *pólos de matrícula*⁴, e aguardar para ser designado a uma escola, preferencialmente próxima a sua residência.

Afiliada a uma linha de pesquisa que contempla os aspectos sociais da LA, bem como a sua relevância social (Moita Lopes, 2006 et al.), ressalto que este estudo privilegia uma visão socioconstrucionista da sala de aula, na qual o sujeito é sociohistoricamente construído por meio de suas interações com o outro e mediadas principalmente pela linguagem em seu convívio social - o que inclui a sala de aula (Bakhtin, 1981; Kuschner, 2001; Vygotsky, 1994, inter alia). Nesse sentido, o desejo de conhecer o contexto social no qual esse aluno está inserido para melhor compreender de que modo este indivíduo constrói seu conhecimento não só norteou nossas reflexões como serviu de base para a elaboração de ferramentas que viabilizassem a geração de dados.

5.2.

Gerando dados

De forma a estudar a produção escrita em português como língua materna de estudantes brasileiros do ensino médio em escolas públicas da rede estadual de ensino, cotejando a maneira como escrevem os alunos ao ingressarem neste segmento de ensino e aqueles que estão prestes a concluí-lo, bem como a progressão de uma linguagem mais concreta para uma mais abstrata em seus textos escritos através do domínio e emprego da metáfora gramatical da nominalização e sua importância para a vida social do aluno, foram utilizados três instrumentos de pesquisa, descritos nas seções a seguir.

³ *Português - Literatura, Gramática, Produção de Texto* – Volume Único, de Douglas Tufano e Leila Lauer Sarmiento, publicado pela Editora Moderna.

⁴ Instituições da rede estadual, nesse caso, geralmente escolas, que por um período de tempo recebem inscrições para a matrícula dos alunos na rede.

5.2.1.

Questionário social

A fim de ampliar o conhecimento que temos acerca dos alunos e de suas realidades sociais, foi elaborado um questionário fundamentalmente social que serviu de ferramenta para a geração de uma parte dos dados que utilizamos nesta investigação.

O questionário consta de 25 (vinte e cinco) questões, entre objetivas e subjetivas. Além de perguntas de cunho mais especificamente social, como sexo, idade, bairro onde reside e número de co-habitantes, traz ainda questões referentes às práticas de leitura e escrita, esta última objeto dessa pesquisa, algumas delas estendendo-se também àqueles que moram na mesma residência que o aluno (cf. Anexo 9.4).

Foi pedido que os alunos respondessem ao questionário em sala e que dessem respostas individuais. A questão (1), onde o aluno deveria escrever seu nome, e a questão (8), a respeito da renda familiar, encontravam-se assinaladas com um asterisco, o que indicava preenchimento não obrigatório. A primeira porque este dado não era relevante para a pesquisa, sobretudo pelo compromisso de não divulgação dos nomes dos alunos participantes, e a segunda para evitar algum tipo de constrangimento para o aluno.

5.2.2.

Exercícios de transformação de processos verbais em formas nominais

Foi aplicado aos alunos dos dois grupos pesquisados um exercício no qual lhes era pedido para pôr em prática um dos aspectos da metáfora gramatical, transformando processos verbais em nomes (Taverniers, 2003).

O referido exercício foi primeiramente aplicado na turma do terceiro ano, em uma aula de gramática cujo tópico era análise sintática, com ênfase em complementos nominais. O livro didático *Português - Literatura, Gramática*,

Produção de Texto – Volume Único, de Douglas Tufano e Leila Lauar Sarmento, publicado pela Editora Moderna, foi adotado pela escola em 2008, ano em que os dados foram gerados. Este livro trazia uma proposta de exercício segundo a qual os alunos deveriam transformar verbos transitivos em substantivos, e em seguida destacar o complemento nominal, foco da aula, como foi dito. O exercício constava de seis questões e um modelo, conforme mostramos a seguir:

Transforme o *verbo* transitivo em *substantivo* e destaque o complemento nominal, conforme o modelo: (grifos da pesquisadora)

Modelo: *Orientar* os alunos.

A orientação dos alunos. (grifos da pesquisadora)

- a) Construir a nossa história.
- b) Abster-se da bebida.
- c) Persistir na luta.
- d) Absolver os inocentes.
- e) Condenar os culpados.
- f) Dissolver a mistura.

O exercício, assim como todas as outras atividades que integram o conjunto de dados desta pesquisa, foi realizado em sala de aula e os alunos foram orientados a não discutirem as respostas com os colegas. Em hipótese alguma os exercícios deveriam ser levados para casa para serem realizados ou concluídos, e somente os alunos presentes no dia em que o exercício foi aplicado puderam fazê-lo. No terceiro ano, ao todo onze alunos cumpriram a tarefa.

Como a atividade foi proposta primeiramente no terceiro ano, acreditamos que os resultados obtidos neste grupo influenciaram, de certa forma, o modo como isto foi feito no primeiro ano. Assim, a ausência de verbos cujas formas verbais terminassem em sufixos diferentes de “-ção”, o mais frequente em vários gêneros em língua portuguesa (Oliveira, 2006; Valério, 2007 et al.), e “-ência” (representado por um único verbo no exercício) constituiu-se em um critério para a inserção de mais verbos cujas formas nominais fossem formadas a partir de diferentes sufixos (*-ância* e *-mento*). Devido à nomenclatura gramatical presente nas instruções para realização do exercício, que poderia oferecer dúvidas aos alunos do primeiro ano, já que pela divisão do programa do ensino médio eles só são expostos a essa nomenclatura a partir do segundo ano, o título do exercício também foi modificado e a atividade foi realizada em uma aula sobre processos de formação de palavras através afixos. Sendo assim, o exercício em questão foi apresentado ao grupo do primeiro ano da seguinte maneira:

Transforme as frases segundo o modelo:

Orientar os alunos.

A orientação dos alunos. (modelo)

- a) Construir a nossa história.
- b) Abster-se da bebida.
- c) Persistir na luta.
- d) Absolver os inocentes.
- e) Condenar os culpados.
- f) Dissolver a mistura.
- g) Transferir o aluno
- h) Insistir no assunto.
- i) Conhecer a verdade.
- j) Tolerar a diferenças

No primeiro ano, vinte e oito alunos participaram da realização da tarefa, por ser a quantidade de alunos presente no dia da aplicação da mesma. Da mesma forma como ocorreu na turma do terceiro ano, os alunos foram orientados a não consultar os colegas e em nenhuma hipótese puderam levar o exercício para ser feito em casa, integral ou parcialmente.

5.2.3.

Redações

A terceira e última ferramenta para geração de dados foi uma proposta de produção de texto. Objetivando cotejar a escrita dos dois grupos e o emprego da metáfora gramatical nos textos escritos produzidos pelos alunos na sala de aula de língua portuguesa, a proposta foi apresentada aos dois grupos participantes da pesquisa. Assim como na ocasião da geração de dados utilizando-se as ferramentas anteriormente mencionadas, somente os alunos presentes na sala no dia da realização da atividade puderam realizá-la, e sob nenhuma hipótese a redação, ou parte dela, seria escrita em um lugar diferente da sala de aula. Ao todo, cinquenta alunos colaboraram nesta etapa do trabalho, entre os quais trinta e cinco eram do primeiro ano e quinze do terceiro ano.

A proposta foi colocada da seguinte maneira:

Refleta sobre as perguntas abaixo e escreva um texto sobre sua experiência e o ensino de Língua Portuguesa:

- Qual a sua opinião sobre essa disciplina? (Gosta/não gosta? Por quê?/ Por quê não?)
- Você a considera importante para a sua formação?
- Como você acha que o estudo da Língua Portuguesa pode contribuir para a sua vida?
- Você gosta de suas aulas dessa disciplina? Elas são interessantes e/ou trazem tópicos do seu interesse?
- O que você gostaria de estudar em suas aulas de Língua Portuguesa? Por quê?
- Durante as aulas, você imagina se algum dia vai usar aqueles conhecimentos em sua vida? Em caso de sim, de que forma?
- Você vê mais semelhanças ou mais diferenças entre a língua estudada na escola e a língua que você fala, que você usa para se comunicar no seu dia-a-dia?

Nesta ocasião, os alunos foram instruídos a redigir seus textos a partir de uma reflexão proposta pelas perguntas, e não somente limitar-se a respondê-las. No entanto, verificamos que esta instrução não foi seguida de maneira eficiente por todos os alunos. Não foi estipulado um limite de linhas ou de palavras, nem um tipo de texto específico. Contudo, tendo em vista a proposta apresentada, ficaria difícil optar pela narração ou descrição, embora pudessem oscilar entre o tipo argumentativo e o dissertativo. O objetivo, ao utilizar esta ferramenta, era colher as impressões dos alunos a respeito da disciplina, dos conteúdos abordados em sala e do modo como isto era feito, ao mesmo tempo em que se poderia observar o nível de abstração atingido por esses textos através do uso de nominalizações.

Para facilitar o modo como nos referiríamos às redações durante a análise e visando, mais uma vez, preservar a identidade dos alunos, os textos receberam um código, constando de um número e uma ou duas letras. Todas as redações do primeiro ano receberam o número 1. De acordo com o número na ficha de chamada de seu autor receberiam uma letra, ou duas, se fosse o caso. Assim, por exemplo, o texto do aluno de número 1 receberia a letra A, e assim sucessivamente. Considerando a nova reforma ortográfica, vinte e seis letras fazem parte de nosso alfabeto. Como havia trinta e cinco redações do primeiro ano, depois da última letra do alfabeto acrescentamos mais uma letra, a começar pela letra A. Ou seja, depois do texto 1Z, vem o texto 1AA.

No terceiro ano, foi atribuído o número 3 e uma letra do alfabeto, seguindo o mesmo critério adotado na turma do primeiro ano.

5.3.

O tratamento dos dados e os procedimentos de análise

Com relação ao tratamento dos dados, pode-se dizer que este foi diferenciado de acordo com o tipo de atividade desenvolvida pelos alunos. Inicialmente, exploramos o questionário social, enfocando as perguntas que traziam mais implicações para a pesquisa, isto é, aquelas de cunho social e as que estavam intimamente ligadas a questões de leitura e escrita dentro de fora da sala de aula e da escola, lembrando mais uma vez que o interesse pela leitura neste trabalho justifica-se na medida em que a entendemos como a compreensão da escrita. A partir das respostas fornecidas pelos alunos nos questionários, os resultados foram tabulados e depois interpretados, seguindo os pressupostos teóricos apresentados nos capítulos 2, 3 e 4. Em seguida, analisei os exercícios feitos pelos dois grupos para verificar como os alunos transformavam os verbos em nomes (através da sufixação? quais sufixos?). A análise dos exercícios levou-me também à confecção de tabelas onde procurei fazer um levantamento do número e do percentual de acertos ao se nominalizar as formas verbais, cotejando os resultados dos dois grupos pesquisados, bem como a variedade de formas mencionadas quando os alunos empreendiam tentativas de realizar a atividade. Dessa forma, foi possível observar a construção, pelos alunos, de um dos aspectos da metáfora gramatical - a nominalização (Halliday, 1994).

Por fim, a confecção de tabela também foi uma ferramenta utilizada para o exame das redações. Assim, foi feita uma tabulação da frequência de verbos que admitem algum tipo de nominalização e das nominalizações propriamente ditas efetivamente empregadas nas redações dos estudantes, sempre contrastando os dois grupos. Depois disso, as redações foram divididas em grupos de *padrões de texto*, de acordo com a quantidade de nominalizações observadas. Finalmente, sinalizei nos textos, por meio de realce em cores distintas, aspectos relativos à forma e ao conteúdo que tornavam os textos mais inteligíveis em alguns casos e mais elaborados em outros, associando-os à frequência de uso de formas nominais. Dessa forma, confrontamos o uso de nominalizações com outros aspectos detectados nos textos e que contribuem para que estes se tornem mais

abstratos (Christie, 2002), relacionado esta abstração ao grau de letramento (Soares, 1998) atingido pelos estudantes no ensino médio.

5.4.

Resumo

Neste capítulo, oferecemos uma descrição detalhada das etapas e procedimentos desta investigação. Inicialmente, foram apresentados o ambiente e os participantes da pesquisa. Justificou-se a escolha deste ambiente e dos grupos que colaboraram com este estudo.

Em um segundo momento, foram explicitados os processos de elaboração e aplicação das ferramentas que possibilitaram a geração de dados.

Por fim, explicaram-se os procedimentos de análise dos dados desta pesquisa.